



**Gauches et
Gauchisme.
De la Première
Internationale à
Porto Alegre**
Nantes: L'Atalante, 2004.
(299 p.)

Octavio Rodríguez Araujo

Gustavo Codas¹

O cientista político mexicano Octavio Rodríguez Araujo (1941) toma como referência a história mundial das esquerdas desde a fundação da Associação Internacional de Trabalhadores (I Internacional) em 1864 para “seguir a pista do desenvolvimento e das mudanças que têm sofrido as esquerdas (freqüentemente por pressão do esquerdismo ou do ultra-esquerdismo) e os debates entre elas, sem deixar de mencionar (...) os resultados desses debates e dessas mudanças” (p. 15).

A edição francesa agrega um Prefácio de Michael Löwy e um Epílogo em que o autor atualiza o tema dois anos depois da versão em castelhano².

Os nove capítulos seguem basicamente uma ordem cronológica. Introduzido o tema, os capítulos iniciais estão dedicados às três primeiras internacionais. O autor então se detém nos debates dos anos 1960, com o surgimento da “nova esquerda”, as experiências em torno de 1968, as guerrilhas latino-americanas e a emergência de um novo reformismo com o eurocomunismo. O fio da meada é retomado posteriormente, já no processo que iria dar no Fórum Social Mundial (FSM) de Porto Alegre, em 2001, e que se estende até os dias de hoje.

O livro é um bom roteiro na história da esquerda internacional, mas com ênfase na sua dimensão européia ocidental. Fora desse eixo, na narração histórica do nosso autor só há destaque para as guerrilhas latino-americanas dos anos 1960-1970. Assim, sente-se falta de *outras histórias* que pouco apa-

recem, dos diálogos e conflitos da esquerda europeia dominante nas quatro primeiras internacionais com as esquerdas socialistas latino-americanas, africanas e asiáticas, das contradições destas quando impregnadas de eurocentrismo marxista não conseguiram chegar à *análise concreta da realidade concreta*, de seus conflitos (e diálogos!) com outras correntes da esquerda na região (indigenismo, nacionalismo revolucionário etc.). O marxismo na América Latina também foi por muito tempo, fundamentalmente, uma *idéia fora do lugar*. As exceções (como Mariátegui, no Peru, na década de 1920, e a revolução cubana nos anos 1960) são muito poucas e não tiveram herdeiros ou continuidade à altura.

Descontado esse *déficit* – que não é pequeno, em se tratando de um livro escrito no México! ao ler esse livro a primeira conclusão a que chega o leitor é que se trata de uma reflexão necessária e urgente. As esquerdas passaram nos últimos 150 anos por diversas experiências que precisam ser analisadas, submetidas a balanço e suas principais lições projetadas para as disputas no presente século.

Nosso autor tem um foco todo especial para os anos 1960-1970, porque foi justamente nesse período em que se colocou tanto a necessidade de renovar o pensamento das esquerdas como se fizeram experiências concretas nesse sentido. Muito do que estamos discutindo nos últimos dez anos *já estava colocado lá*. Esse período antecipou os debates, ainda que não os tenha resolvido.

Tanto não deu conta de resolver que, na seqüência, a esquerda mundial sofreu uma crise profunda e geral, fruto da combinação: 1) da falência da socialdemocracia europeia entre os anos 1970-1980; 2) da quebra nos anos 1980 da experiência do “socialismo realmente existente” e sua extinção em inícios da década seguinte; e 3) do surgimento e do auge do projeto neoliberal no cenário internacional entre os anos 1980-1990. Essa crise atingiu não somente as correntes diretamente responsáveis pelas experiências em questão – a socialdemocracia e o stalinismo – mas *toda a esquerda*. Não é por acaso que nesse período saem de cena na nossa região os dois principais partidos trotskistas (o Movimento ao Socialismo – MAS – na Argentina, e o Partido Revolucionário dos Trabalhadores – PRT – do México), assim como desapareceu também a principal tentativa de se criar uma esquerda revolucionária sobre novos paradigmas (como foi o caso do Partido Mariateguista Unificado do Peru).

Estamos no terreno movediço de esquerdas – latino-americanas e mundiais – que buscam se reerguer sobre os escombros dessa crise de 15 anos atrás. O debate está em aberto e isso fica claro pelo fato de o prefaciador da edição francesa ser um intelectual ligado ao principal partido trotskista de Europa (a LCR, Liga Comunista Revolucionária) e o da edição portuguesa

um intelectual de um dos principais partidos comunistas ortodoxos desse continente (o PCP, Partido Comunista Português). Ambos saúdam o livro, mas também lhe apresentam reparos, cada um desde sua matriz. A *boa notícia* é que tanto essas como outras correntes das esquerdas, que no século passado tinham fronteiras rigidamente demarcadas, *hoje*, no FSM (Fórum Social Mundial), nos movimentos altermundialistas e em outras experiências, encontram-se em espaços comuns de reflexão e discussão de ações unitárias.

Mas quais são as questões que as experiências anteriores colocam para a conjuntura atual? Entre os diversos temas levantados por Rodríguez Araujo, há dois que acreditamos estar entre os mais importantes.

Nosso autor identifica ao longo das experiências e tentativas de desenvolver organizações internacionais duas linhas ou opções principais: construir uma “comunidade de ação” ou uma “comunidade de acordos teóricos, programáticos etc.”? Para ele, o movimento altermundialista se aproxima da primeira opção (como foi no início a I Internacional), já que tentar a segunda faria surgir divisões e levaria à desapareção da experiência (explicação dele para o fim daquela Internacional). Mas até onde é possível avançar *apenas* na base da “comunidade de ação”? Para nós, no caso do FSM, o debate ainda está em um estágio anterior: será capaz de avançar ele próprio ou ajudar os movimentos altermundialistas a avançar na perspectiva de uma “comunidade de ação”? No FSM o que prima por ora é a dispersão em nome do respeito à diversidade, isto é, o FSM tem sido até agora principalmente um “espaço aberto” de circulação, intercâmbio, encontros entre muitas “comunidades”, mas sem ter sido capaz de promover convergências mais gerais. E na maioria dos casos há muito a ser feito pela via da “comunidade de ação”.

Outra dimensão para a qual chama a atenção Rodríguez Araujo é a de que, na retomada de uma perspectiva política internacional de esquerda que significa o movimento altermundialista (o FSM incluído nele), há elementos herdados das tradições socialistas clássicas mesclados ecleticamente com outros que são resultados da *desorganização* programática e teórica das esquerdas nos anos 1990 (daí que o capítulo dedicado à questão se denomine “O pós-marxismo. As novas esquerdas e Porto Alegre.”). Não é menor o fato, apontado pelo autor, de como no FSM se ignora a questão das classes sociais, se secundariza o tema do papel da classe trabalhadora e das condições de trabalho etc. Há para ele no Fórum também uma tendência a absolutizar o papel da sociedade civil sem que se resolva a questão de que fazer frente ao (e no) Estado para caminhar a *outro mundo possível*. De fato, estamos longe no processo FSM do ponto em que possa se pensar em construir “uma comunidade de acordos programáticos” para o século XXI! Esse é o *fato*. A questão que nos desafia é como avançar sem repetir erros do passado...

Rodríguez Araujo cita um parágrafo de Marx em uma carta a Engels (de 5 de março de 1869) sobre a I Internacional, que para alguns poderá parecer endereçado aos organizadores e organizadoras do processo FSM:

A comunidade de ação que fez nascer a Internacional, o intercâmbio de idéias através dos diferentes organismos das seções em todos os países e, finalmente, as discussões diretas nos congressos gerais, também criarão gradualmente o programa teórico, comum a todo o movimento operário (p. 286).

Três anos depois da carta, em 1872, a luta fracional entre anarquistas e “marxistas” tinha exaurido a I Internacional (que teve seu fim oficialmente em 1876). Temos 150 anos de distância, de aprendizados e lições a partir de então. Podemos fazer diferente. Esse é o desafio de todos e de todas, e parte dele o veremos de perto já que a próxima edição do FSM, que será em Belém do Pará, em janeiro de 2009.

NOTAS

¹ Paraguaio residente no Brasil, é jornalista e economista. Desde 2001 tem participado como membro do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial como representante da CUT (Central Única dos Trabalhadores), da qual é assessor de relações internacionais. Contato do autor: gustavo_codas@yahoo.com.

² O livro foi primeiro publicado em castelhano: *Izquierdas e Izquierdismo. De la Primera Internacional a Porto Alegre*. Cidade do México, Siglo XXI, 2002. Há uma edição portuguesa: *Esquerdas e Esquerdismo: Da Primeira Internacional a Porto Alegre*. Lisboa: Campo das Letras, 2007 (Prefácio de Miguel Urbano Rodrigues).